

Dossiê

A RELIGIOSIDADE DOS CONSTRUTORES DE TUMBAS NO EGITO ANTIGO: A VILA DOS TRABALHADORES EM AMARNA E A VILA DE DEIR EL-MEDINA

Rennan de Souza Lemos⁷³

Orientador: Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso

Resumo

Este artigo é um estudo sobre a religiosidade dos antigos egípcios do Reino Novo (c. 1550-1070 a. C.), com base no material escavado em dois sítios arqueológicos do período: a Vila dos Trabalhadores em Amarna e a vila de Deir el-Medina. Esta última abrigou, durante a maior parte do Reino Novo, os encarregados da construção e decoração das tumbas reais no Vale dos Reis, na parte ocidental de Tebas, enquanto a Vila dos Trabalhadores em Amarna possivelmente serviu para o mesmo propósito: abrigar os trabalhadores responsáveis pela construção e decoração das tumbas real e da elite na parte oriental de Amarna. A partir da comparação dos dois sítios, segue-se ao objetivo principal do texto: a tomada de posição acerca do caráter e do papel da religiosidade durante o período da Reforma de Amarna (c. 1350-1330 a. C.), momento de obliteração dos deuses tradicionais do Egito, por parte do faraó Akhenaton, em favor do Disco Solar, o Aton.

Palavras-chave: Egptologia; Reforma de Amarna; Religiosidade; Ritual.

Introdução

O estudo da Vila dos Trabalhadores em Amarna consiste num ótimo ponto de partida para o estudo da vida social na antiga cidade egípcia. De forma semelhante à vila de Deir el-Medina, que abrigou os trabalhadores encarregados da construção e decoração

⁷³ Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso. Atualmente é bolsista de iniciação científica pela FAPERJ e membro do Laboratório de Estudos Egíptológicos - UFF e da equipe editorial da revista *Plêthos* (www.historia.uff.br/revistaplethos). Estudante associado à Egypt Exploration Society (Londres) e ao American Research Center in Egypt (Cairo). Contato: rslemos@id.uff.br.

das tumbas reais no Vale dos Reis, em Tebas, o estudo arqueológico da Vila dos Trabalhadores em Amarna permite compreender as interações sociais das pessoas no passado e as ações estatais no sentido de controlar uma população específica (este foi o objetivo, por exemplo, das escavações das décadas de 1970 e 1980), mas também as relações entre os seres humanos e seus deuses, assim como suas práticas cotidianas e rituais.

Este texto dedica-se a estabelecer comparações – na medida do possível – entre os contextos da Vila dos Trabalhadores em Amarna e da vila de Deir el-Medina,⁷⁴ com o objetivo de dar conta das expressões de religiosidade e das práticas rituais na cidade de Amarna, onde se pode perceber a presença de elementos da religião tradicional, no contexto da nova religião de Akhenaton.

Os *corpora* de objetos escavados nessas vilas de trabalhadores provêm de temporalidades distintas: os achados da Vila dos Trabalhadores datam do período de Amarna e as fontes de Deir el-Medina são, em sua maioria, do período raméssida – apesar de esta vila ter sido inicialmente construída num período da 18ª dinastia anterior à Reforma de Amarna, sob Tutmés I, as fontes relativas a práticas e concepções religiosas das pessoas só são mais abundantes a partir da 19ª dinastia, quando se tem tanto cultura material, quanto textos e iconografia disponíveis (KEMP, 1987).

No tocante ao caráter das fontes, o fato de se ter em maior abundância documentação relativa à religiosidade para o período posterior à Amarna tem a ver com a consolidação do pensamento egípcio durante a época raméssida - o que possibilitou o aumento da piedade pessoal e a emergência social do indivíduo - e com a mudança nas regras de decoro, isto é, do que deveria/poderia ser representado publicamente (CARDOSO, 2003; considerar, no relativo à mudança nas regras de decoro: BAINES, 1984; 1987; 2001).

⁷⁴ Outro contexto que merece atenção é o da chamada Vila de Pedra, recentemente escavado em Amarna e ainda não analisado em sua totalidade. Ver, enquanto o livro previsto sobre este sítio não é publicado: Anna Stevens (2011).

A Vila dos Trabalhadores em Amarna e a Vila de Deir El-Medina

A Vila dos Trabalhadores em Amarna foi escavada primeiramente em 1921 e 1922 por T. Eric Peet e C. Leonard Woolley, sob a chancela da *Egypt Exploration Society*. Durante essa expedição, os arqueólogos escavaram aproximadamente metade das casas dos ocupantes da vila e os resultados foram reunidos no primeiro volume da série *The City of Akhenaten*.

A partir de 1977, novas escavações da *Egypt Exploration Society* começaram em Amarna, sob a direção do arqueólogo Barry J. Kemp, da *University of Cambridge*, no âmbito do *Amarna Project*. A Vila dos Trabalhadores foi o primeiro espaço da antiga cidade a se tornar alvo de uma série de escavações sistemáticas e, atualmente, consiste no maior espaço já escavado de Amarna.

A Vila dos Trabalhadores foi um espaço destinado, possivelmente, a abrigar os encarregados da construção das tumbas real e da elite nas montanhas da parte oriental de Amarna. Subdividia-se em duas áreas principais: uma extra e outra intramuros. Fora da área murada localizavam-se a Área X1 (escavada em 1979), a Área X2 (1986), a Área-Zir (1982-1984) e a localidade das capelas e currais (escavada inicialmente em 1921-1922, e depois, também pela equipe de Kemp). No interior dos muros localizavam-se as casas dos construtores de tumbas (Figura 1).⁷⁵

A Área X1, segundo a interpretação dos arqueólogos, foi um edifício associado à vigilância da vila, ligado às vias de acesso que a circundavam, delimitando seu espaço (KEMP, 1987: 24). A Área X2 e a Área-Zir devem ser entendidas em conjunto: estiveram relacionadas ao abastecimento de água da vila. A palavra *zir* designa, em árabe, um recipiente bastante grande para armazenamento de água; e foi justamente este o tipo de artefato que se encontrou no local: grandes recipientes de cerâmica cuja finalidade teria

⁷⁵ Há discussões acerca disto, se realmente a vila serviu para abrigar os construtores das tumbas de Amarna. Kemp (1987: 44) identifica duas funções básicas para a vila: (1) trabalho nas tumbas e (2) policiamento da região. Assim como há indícios que relacionam a Vila dos Trabalhadores à construção e decoração das tumbas de Amarna, a recém escavada Vila de Pedra, talvez, também tenha servido a este propósito.

sido armazenar água para abastecer a vila, que se localizava numa zona desértica afastada do Nilo e das partes principais da cidade.

As escavações na vila murada, cujo espaço consistia num quadrado perfeito, revelaram uma série de casas uniformemente construídas, agrupadas em ruas paralelas, revelando o planejamento urbano dessa parte da cidade (PEET and WOOLLEY, 1923: 52-53). Apesar de Peet e Woolley terem enfatizado um modelo “típico” de casa da vila, Kemp mostra que há variações: as pessoas modificavam os espaços frontal e interno de suas casas, segundo suas possibilidades e intenções, revelando diferenciação social interna, mesmo que, em geral, as famílias que habitassem a Vila dos Trabalhadores fossem pobres. Apesar de relativa uniformidade no tamanho das casas, encontrou-se uma casa maior, próxima ao portão de entrada da vila, que talvez fosse ocupada por um capataz (KEMP, 1987: 27). Além disso, a parte oeste do sítio, separada por



Figura 1: mapa da Vila dos Trabalhadores em Amarna. Referência: STEVENS, 2011: 102. Reprodução: cortesia do Amarna Project (www.armarnaproject.com).

um muro, parece ter sido ocupada por pessoas relativamente mais pobres do que as do lado leste (KEMP, 1987: 28). Além dessas áreas, encontrou-se uma série de capelas e currais (nordeste da vila murada), além de um pequeno cemitério. A construção de capelas e currais parece ter estado associada às famílias que habitavam a vila, mostrando certo grau de autonomia em relação ao controle estatal (KEMP, 1987: 30).

Quanto à cronologia da vila, não se sabe exatamente quando ela foi construída. Com base em amuletos com inscrições de nomes reais que foram encontrados, estima-se que a localidade tenha sido abandonada no final do período de Amarna, e que passou por uma reorganização sob Tutankhamon - a rua oeste teria sido construída quando dessa reorganização, talvez para abrigar uma equipe policial (SHANNON, 1987: 41-43).

A vila de Deir el-Medina, que ocupava a margem ocidental de Tebas, foi construída no início da 18ª dinastia, sob Tutmés I, porém sua expansão maior foi sob a 19ª e 20ª dinastias – período que gerou a abundante documentação que se tem a respeito do cotidiano, dos indivíduos e das formas de religiosidade. A vila foi desocupada pela última vez sob Ramsés XI (MESKELL, 2002: 39).

Deir el-Medina serviu para abrigar os trabalhadores responsáveis pela construção e decoração das tumbas do Vale do Reis. Apesar de se ter descoberto artefatos provenientes da vila desde 1777 (BAKOS, 2009: 191), identificou-se a sua antiga função somente quando, em 1929, Jaroslav Černý traduziu a documentação textual encontrada na vila pelas escavações do *Institut Français d'Archéologie Orientale* (MESKELL, 2002: 39).

Essa vila de trabalhadores, assim como a de Amarna, era controlada pelo Estado; no caso de Deir el-Medina, era o próprio Estado que, por exemplo, distribuía alimentos aos ocupantes da vila. Entretanto, como afirma Lynn Meskell, citando Kemp, havia possibilidades de modificações individuais no espaço, assim como na Vila dos Trabalhadores em Amarna (MESKELL, 2002: 40).

As semelhanças entre os assentamentos da Vila dos Trabalhadores e Deir el-Medina são grandes. Entretanto, Kemp alerta para o fato de que, apesar das semelhanças estruturais, há também diferenças entre as duas vilas:

[o] paralelo entre os dois sítios é suficiente para fazer com que seja natural olhar para as fontes textuais de Deir el-Medina para um melhor entendimento de como funcionou a vila de Amarna (...). Mas o paralelo não é tão próximo que nos permita dizer que estamos lidando com a mesma comunidade. O trabalho de campo recente trouxe à luz elementos – os currais e a *Área-Zir* – que não têm contrapartida em Deir el-Medina (KEMP, 1987: 43).

Ainda no relativo ao caráter dos habitantes que ocuparam as duas vilas de trabalhadores, Meskell afirma que há uma diferença básica entre Deir el-Medina e a Vila dos Trabalhadores em Amarna quanto às fontes primárias. Segundo a autora: “a falta de documentação relativa ao grau de instrução nesta última [Vila dos Trabalhadores] é notável, indicando que eles [os habitantes da vila] não eram provenientes de um grupo de escribas,” ou seja, que o grau de instrução dos ocupantes da vila de Amarna não era tão alto quanto o daqueles de Deir el-Medina (MESKELL, 2002: 44).⁷⁶

Para acessar os indivíduos e o tipo de população da vila de Amarna, dispõe-se apenas de alguns indícios documentais, sendo difícil estabelecer uma prosopografia mais completa. A proliferação de fontes relacionadas a indivíduos é um fenômeno da época raméssida, não havendo equivalente para a 18^a dinastia (KEMP, 1987: 45).⁷⁷

Na Vila dos Trabalhadores, por exemplo, encontrou-se duas estelas na capela 525, uma delas representando os deuses Shed, o salvador, e Ísis (Figura 2). Na inscrição, pode-se ler o seguinte:

⁷⁶ Dentre variada documentação textual disponível, as cartas de Deir el-Medina consistem numa ótima base para o estudo da vida social e ritual das pessoas. Ver, por exemplo: Margaret Marchiori Bakos (2010). Essas e outras cartas, do Reino Novo e de outros períodos, foram traduzidas por Edward F. Wente (1990). Ver também: Leonard Lesko (1994).

⁷⁷ Com o estudo das tumbas, é possível levantar a prosopografia. Entretanto, outra diferença entre as duas vilas de trabalhadores é que os habitantes da vila de Amarna não possuíram tumbas comparadas às dos habitantes de Deir el-Medina. Um estudo recente das tumbas de Deir el-Medina é: Moacir Elias Santos (2012).

Uma oferenda que o rei dá a Shed, o grande deus; que ele dê todas as coisas boas e puras ao *ka* do puro puro,⁷⁸ até mesmo todos os tipos de bons alimentos ao *ka* do adorador de seu senhor. Que ele guarde para si sua cabeça; que ele possa ouvi-lo sempre que ele chamar. (...) Uma oferenda que o rei dá à Ísis, a grande, senhora dos céus, senhora de todos os deuses. Que ela me dê vida, prosperidade e saúde em toda a duração feliz da vida, em sua cidade no fim do Oeste em paz, para o *ka* (?) de Ptah-may (CoA I: 97).

Outros nomes de membros da família de Ptah-may são mencionados, mas uma única titulação de distinção aparece (lateral direita da estela):

O teu *ka*. Passa o teu dia feliz (isto é: alegre-te), ó adorador do Aton vivo; feito pelo adorador de seu senhor, o Aton vivo, Ptah-may, repetindo a vida. A **senhora da casa**, Nubemshent (?), seu filho Kaemmenu. (...) Seu filho, Khaemmenu; sua filha, Bekist; sua filha, Heket (?), justificados (CoA I: 97, grifo meu).

Percebe-se, na inscrição, o que parece ter sido comum à religiosidade da maioria das pessoas em Amarna: a presença, não conflituosa, de deuses tradicionais e do Aton, como garantidores da vida e da continuidade no pós-morte (LEMOS, 2012).



Figura 2: Estela representando o deus Shed (lado superior esquerdo) e Ísis (lado superior direito). Abaixo, uma cena de oferenda aos deuses. Referência: CoA I: 96-97, pl. XXVIII, figs. 1-4 (fig. 3). Reprodução: cortesia da Egypt Exploration Society.

⁷⁸ Peet e Woolley afirmam haver um erro na inscrição. Ciro Cardoso (comunicação pessoal, 28/11/2011) acha que não: para ênfase, os egípcios antigos costumavam repetir a palavra ou então utilizar, após a palavra a ser enfatizada, a partícula *sp* 2 (⊙).

Esse tipo de inscrição é o que fornece base para o conhecimento daqueles que viveram na Vila dos Trabalhadores em Amarna, ao contrário de Deir el-Medina, para a qual se dispõe de variada documentação que serve de base para que se dê conta das práticas sociais e de religiosidade. Este último ponto, justamente, é o que permite maior comparação entre os sítios, visto que a cultura material escavada em ambos os contextos é bastante compatível. É preciso considerar, porém, as diferenças temporais das duas vilas: a história da Vila dos Trabalhadores coincide com aquela do período de Amarna, enquanto Deir el-Medina já existia muito antes e sobreviveu por muito mais tempo após a reforma de Akhenaton.

Isso pode gerar alguns problemas: Lynn Meskell, por exemplo, ao comparar as vilas de trabalhadores de Amarna e Deir el-Medina, parece somente considerar a documentação, sobre a esta última, do período raméssida, esquecendo-se de sua fase inicial, pré-amarniana. Ao contrário, Kemp afirma ser a Vila dos Trabalhadores em Amarna mais semelhante ao contexto da vila de Deir el-Medina da 18ª dinastia – período para o qual se dispõe somente de documentação arqueológica –, que teria abrigado “um conjunto de trabalhadores semiqualeificados”. Nesse sentido, “muito do trabalho nas tumbas era feito por pessoas com habilidades manuais, mais do que artísticas” (KEMP, 1987: 46). Os trabalhadores mais qualificados de Amarna poderiam, então, habitar a parte central ou os subúrbios da cidade – foram escavadas oficinas de produção de materiais artesanais relacionados tanto à “religião oficial” quanto às práticas de religiosidade, sendo o maior exemplo a oficina Q48.4, na Cidade Principal. Segundo Anna Stevens, os subúrbios de Amarna teriam funcionado como grandes produtores de artigos para os templos, cujos produtos eram também consumidos por grande parte da população (STEVENS, 2006: 259-269; *AR V*, capítulos 1, 2, 3 e 4).

Além disso, deve-se levar em conta, ao se comparar esses dois contextos, no relativo ao estudo da religiosidade, o caráter da Reforma de Amarna. Caso se concorde com Jan Assmann, por exemplo, a Reforma de Amarna teria consistido numa interrupção

na mudança do caráter da relação entre as pessoas comuns e os deuses; a piedade pessoal, só teria, então, sido elemento importante da vida social a partir do período raméssida (ASSMANN, 2001). Contra essa postura, acredita-se que se deva entender a religiosidade de forma contínua, desde o início da 18ª dinastia. As formas de religiosidade, interpretadas a partir dos vestígios materiais, no período de Amarna, configuraram continuidade em relação à religião tradicional – o caráter da nova religião de Akhenaton, de ênfase no Aton como divindade, não parece ter sido tão generalizante; defende-se aqui que o caráter dessa nova religião (uma simplificação da religião tradicional), fora elitista (LEMOS, 2012; para uma análise recente da religião de Akhenaton entre seus aspectos positivos e negativos, ver: CARDOSO, 2011).

A religiosidade dos construtores de tumbas

A professora Margaret Bakos, em uma conferência, assim como mostrou o caráter de divindades associadas ao cotidiano dos egípcios de Deir el-Medina, também expôs acerca da difusão da presença desses deuses em contextos populares e privados. Dentre as divindades mais populares em Deir el-Medina estiveram Bes, Tuéris, Meretseger, entre outros deuses (BAKOS, 2011).

Bes era um deus masculino, que misturava cabeça de leão e corpo de anão, geralmente representado com uma protuberante genitália à mostra. Era uma divindade predominantemente doméstica e difundida no Egito antigo e associava-se à proteção, ao amor, ao nascimento, à sexualidade.

Tuéris era uma deusa cujas feições misturavam partes de hipopótamo-fêmea grávida, crocodilo, leoa e humana, e que carregava símbolos apotropaicos. A própria combinação de animais perigosos significava a neutralização do caos e a manutenção de *maat*. Associava-se estritamente ao nascimento e à proteção de mulheres dando à luz.

Meretseger era uma deusa em forma de cobra associada também à proteção, cujos poder e misericórdia aparecem em textos de Deir el-Medina como por exemplo no hino à Meretseger presente na estela votiva de Neferabu:

(...) eu cometi uma transgressão contra a Montanha do Oeste e ela me ensinou uma lição (...); eu invoquei a minha senhora, encontrei-a vindo a mim como uma doce brisa; ela foi misericordiosa comigo, tendo-me feito ver a sua mão (LICHTHEIM, 1976: 107-109).

Muito da cultura material escavada na Vila dos Trabalhadores em Amarna remete ao que foi escavado em Deir el-Medina, no relativo à religiosidade e a representações de deuses. A presença de Bes, Tuéris, Meretseger e outros deuses foi constatada não somente na Vila dos Trabalhadores, mas também em diversas outras localidades da cidade antiga. Foram encontradas na Vila dos Trabalhadores, por exemplo, mais de 70 estatuetas de cobras, sendo Meretseger uma possível candidata a ser a representada nesses objetos. Kasia Szpakowska afirma sobre isso:

[n]a medida em que cobras de argila foram descobertas no curso das escavações modernas, sabemos que na maioria das localidades os artefatos associados incluíam aqueles tipicamente conectados ao uso doméstico, tal como encostos de cabeça, figuras de Bes e Tuéris, estatuetas masculinas e femininas, bolas de argila ou lama e estatuetas de animais, e uma variedade de amuletos (...). As mais prováveis candidatas a isso [isto é: a serem as representações das cobras de argila] incluem a deusa agrícola Renenutet, assim como Meretseger (...) (SZPAKOWSKA, 2003: 119).

Em Deir el-Medina, as capelas votivas eram geralmente dedicadas a divindades como Ptah, Meretseger, Tuéris e Sobek; assim como a Amenhotep I divinizado e Ahmés-Nefertari (MESKELL, 2002: 111). Tais capelas, segundo Lesko, “teriam fornecido residência local ao deus ou deusa a que eram dedicadas, e um local de oferendas a essa divindade” (LESKO, 1994: 90). Ainda segundo este autor:

[e]ssas capelas – com oráculos ocultos, currais, guardiões residentes, bacias para libações, cinzas de cozinhar, bancos e objetos de culto para deuses de todos os tipos, incluindo ancestrais – talvez tenham sido locais muito especiais de aglomeração, onde as chamadas oferendas de reversão eram consumidas por pessoas próximas ou do mesmo grupo familiar que, talvez, pertencessem ou participassem de uma ou mais dessas confraternizações ou assembleias (LESKO, 1994: 93).

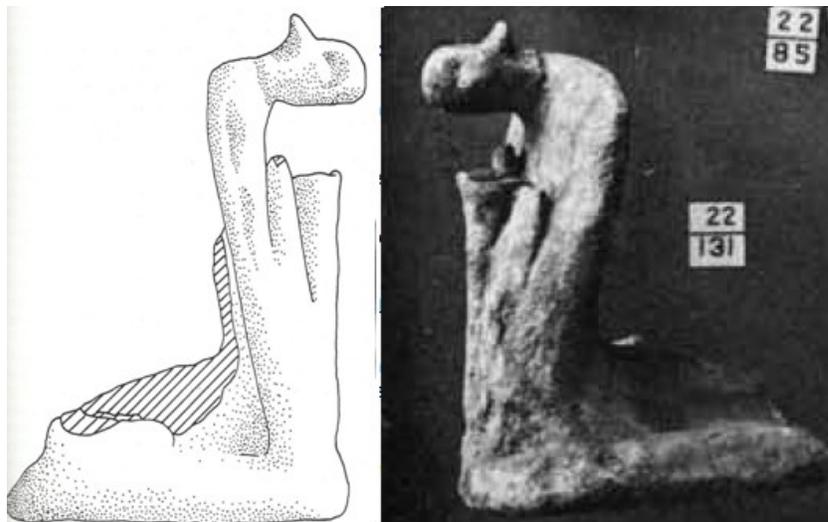


Figura 2: Estatueta de cobra; talvez uma representação de Meretseger. Referência: STEVENS, 2006: 101 (esquerda); *CoA I*: pl. XXIII, 5 (direita). Reprodução: cortesia da Egypt Exploration Society.

As capelas da Vila dos Trabalhadores foram escavadas pela primeira vez por Peet e Woolley e, com as escavações mais recentes, descobriu-se a chamada capela principal e duas outras, a capela 570 e 571. Apesar de algumas das capelas de Deir el-Medina terem sido, comprovadamente, dedicadas a certas divindades, para o caso amarniano, entretanto, não se pode afirmar o mesmo, havendo somente indícios da presença de deuses tradicionais. No santuário da capela 525 da Vila dos Trabalhadores, por exemplo, encontrou-se uma inscrição dedicada a Amon: “o bom governante eternamente, senhor dos céus, o que criou a terra inteira” (*CoA I*: 96; Figura 4) – o que é insuficiente para comprovar que a capela fosse dedicada a Amon-Ra.

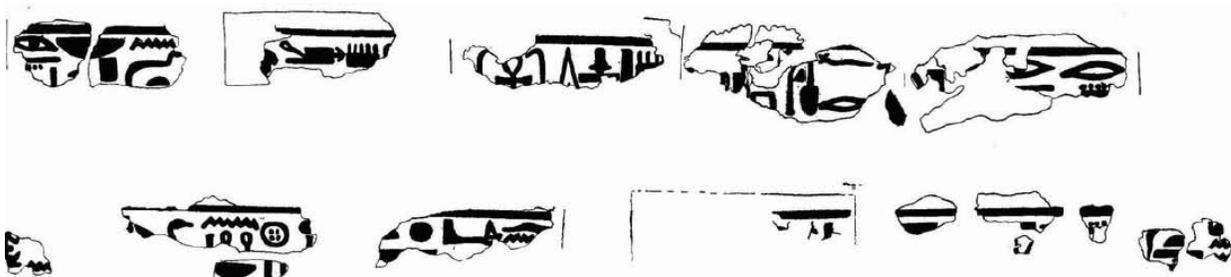


Figura 4: Inscrição dedicada a Amon-Ra, proveniente do santuário da capela 525 da Vila dos Trabalhadores em Amarna. Referência: *CoA I*: 96. Reprodução: cortesia da Egypt Exploration Society.

A capela principal da Vila dos Trabalhadores (Figura 5) tinha sua estrutura dividida entre o espaço ritual propriamente dito (capela 561) e um anexo (450), onde foram identificados espaços de criação de animais e produção de alimentos e de convívio social (KEMP, 1987: 31); lá, foram escavados bancos, onde as pessoas deveriam sentar-se e confraternizar: “a sala exterior era utilizada pelas pessoas sentadas nos bancos, fazendo refeições e executando atividades artesanais simples, como fiação e modelagem de objetos de madeira” (KEMP, 1987: 33). Kemp afirma ainda que, “apesar das capelas serem, em princípio, edifícios religiosos, esse termo não dá conta de todo o seu papel na vida na vila. Para as pessoas vivendo enclausuradas na vila, as capelas ofereciam uma fuga periódica para um ambiente mais saudável” (KEMP, 1987: 36).

As paredes da capela principal da Vila dos Trabalhadores em Amarna abrigavam uma série de pinturas, mostrando cenas de oferendas, discos alados, abutres e outras decorações com flores (WEATHERHEAD and KEMP, 2006). Além das pinturas, algumas inscrições foram encontradas: uma ou duas contendo o nome de Amon-Ra e uma referência a um nome pessoal, Sennefer, seguido pelo título de ‘escriva’ (KEMP, 1987: 32-33) – um indício, pelo menos, que vai contra a afirmação de não terem sido os habitantes da vila de Amarna letrados.

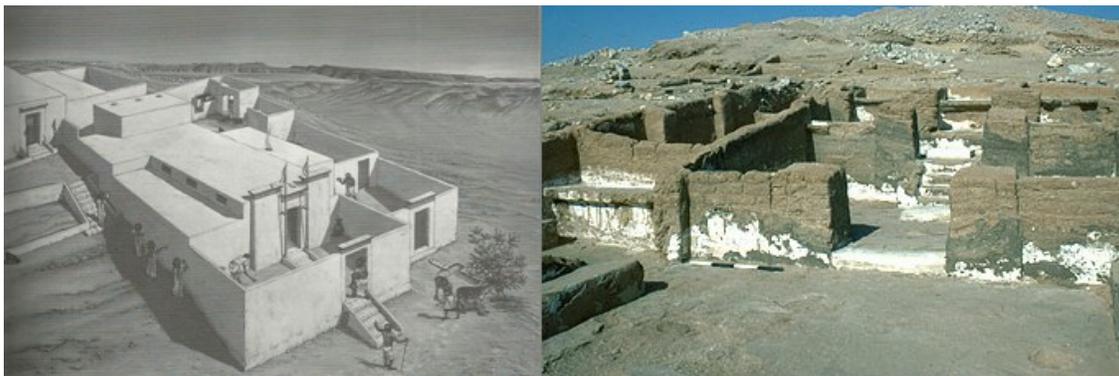


Figura 5: reconstituição, por Fran Weatherhead, da capela principal da Vila dos Trabalhadores (esquerda); estado atual da capela, após as escavações de 1984 (direita). Referências: WEATHERHEAD and KEMP, 2006: 3; www.amarnaproject.com. Reprodução: cortesia da Egypt Exploration Society e do Amarna Project.

Quanto ao culto que era desempenhado na capela principal da Vila dos Trabalhadores, foram encontradas vasilhas de oferendas de cerâmica, artefatos de madeira como um modelo de barco e remos, estandartes etc. Não se pode afirmar muito, porém, sobre o caráter do culto aos deuses desempenhado nessa capela, assim como nas demais, havendo apenas indícios documentais (BOMANN, 1984: 33-34).

Além do culto aos deuses em capelas votivas, foram escavados altares dentro das casas associados ao culto doméstico aos deuses e aos mortos. Em Deir el-Medina, pelo menos seis casas continham esse tipo de estrutura (NE10, 12, 13; SE9, SW 6; C5) (MESKELL, 2002: 76). Em Amarna, esse tipo de estrutura doméstica também foi escavado em diversas localidades da cidade, entretanto, “é difícil de determinar o número original presente no sítio” (STEVENS, 2003: 145).

Em Deir el-Medina, altares proeminentes (o que Bruyère denominou *lit clos*) estavam associados a pinturas de parede (para um questionamento acerca de tais estruturas em comparação com as escavadas em Amarna, ver: FRIEDMAN, 1994). Por exemplo, na casa SE5, há um *lit clos* rebocado com figuras de Bes, assim como na casa C5 e na casa SW6 (MESKELL, 2002: 113; para um discussão recente do tema, numa perspectiva tradicional, ver: MOTA, 2012; para um contraponto às abordagens tradicionais do que costumam chamar de "religião popular" no Egito antigo, ver: LEMOS, 2012).

Há paralelos, em Amarna, no relativo a pinturas de parede: dois exemplares, um proveniente da casa 3 da Rua Principal, e outro da casa 10 da Rua do Muro Longo. Na primeira casa, a pintura ocupava toda a extensão da parede norte da sala principal, e representava um grupo de figuras do deus Bes dançando em frente a uma representação da deusa Tuéris, cuja imagem teve que ser reconstituída a partir de outra representação da deusa, da tumba de Yuia e Tuiu (Figura 6). O segundo exemplo representa três mulheres separadas por duas meninas, uma delas nua – comum para jovens do sexo feminino (MESKELL, 2002: 116) –, talvez dançando em algum tipo de ritual (Figura 7). Em

frente às mulheres e meninas há um silo que, segundo Kemp, talvez consistisse na base de uma mesa de oferendas; entretanto, não se pode provar essa suposição (KEMP, 1979: 49).

Além disso, “nos limites da possibilidade”, segundo Kemp, pode ter existido outro exemplo de pintura de parede proveniente da Vila dos Trabalhadores (KEMP, 1979: 52)

Segundo a descrição de Peet e Woolley, havia⁷⁹

[n]o muro norte, canto oeste, 0,80m acima, um painel decorativo em preto em chão de terra caiada, 1,63m de comprimento por 0,73m. *Design* praticamente irreconhecível devido à condição do gesso: ao longo do topo, uma faixa de pétalas de lótus aponta para baixo; a parte esquerda do painel é tomada com duas mesas de oferendas, onde há folhas de lótus, etc. (?) (CoA I: 83; Kemp (1979) cita esta descrição na página 52.).

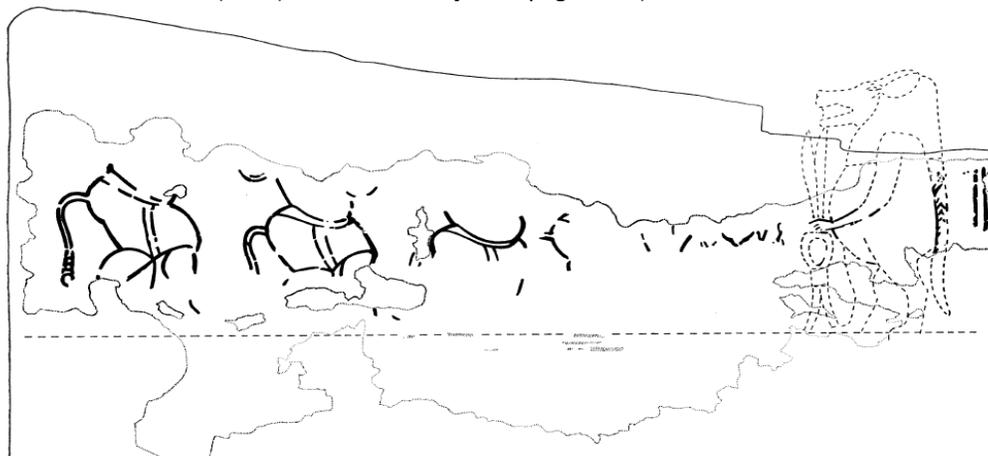


Figura 6: pintura de parede na casa 3 da Rua Principal da Vila dos Trabalhadores em Amarna, com representações de Bes e Tuéris. Referência: KEMP, 1979: 48. Reprodução: cortesia da Egypt Exploration Society.

⁷⁹ Quando se trata dos relatórios de escavação do início do século XX, é comum encontrar informações superficiais sobre os objetos e estruturas escavados.



Figura 7: pintura de parede na casa 10 da Rua do Muro Longo da Vila dos Trabalhadores em Amarna, com representações de mulheres e meninas provavelmente em algum tipo de ritual. Referência: KEMP, 1979: 49. Reprodução: cortesia da Egypt Exploration Society.

Há outros tipos de artefatos que nos permitem estabelecer comparações entre as vilas de trabalhadores. Segundo Anna Stevens,

[e]nquanto a oferta de bens votivos ou o empreendimento de rituais de magia eram provavelmente quase sempre realizados em espaços de culto definidos, outras formas de conduta religiosa eram presumivelmente menos restritas a um limite físico (STEVENS, 2003: 162).

Isso significa levar em conta duas categorias principais de artefatos relativos à religiosidade, tipicamente escavados em assentamentos: (1) estruturas permanentes de culto e (2) objetos portáteis (STEVENS, 2003: 144).

O ato de dar à luz e o processo de crescimento é um bom exemplo ritual que permite que se tenha uma boa noção da articulação dessas duas categorias de artefatos arqueológicos em contextos egípcios antigos. Lynn Meskell, tratando do assunto, afirma:

Todo o processo de crescer era cheio de perigos, explicáveis e misteriosos. Há um considerável *corpus* de cultura material na forma de amuletos, itens apotropaicos, estatuetas e inscrições de encantamentos para proteger a criança nesse momento liminar. (...) Amuletos específicos eram usados comumente como joias, em momentos de crise tais como o ato de dar à luz, e magia era provavelmente recitada em momentos cruciais. Havia encantamentos para proteger o recém nascido de ser roubado por demônios à noite (MESKELL, 2002: 76).

As escavações em Amarna mostraram que o uso de amuletos com diversas representações era uma prática cotidiana comum (BOYCE, 1989; 1995; SHAW, 1984). Na Vila dos Trabalhadores, foram escavados diversos exemplares de amuletos, com representações de deuses como Bes, Háthor e Tuéris (Figura 8), mostrando que seu uso era comum na conduta religiosa das pessoas (STEVENS, 2006: 21).

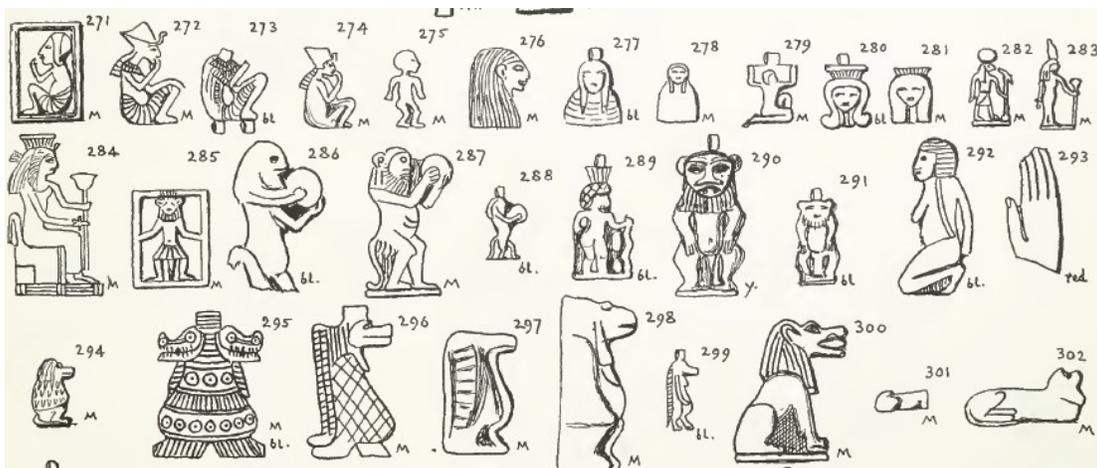


Figura 8: amuletos com representações de Bes, Tuéris e Háthor escavados em diversas localidades de Amarna. Este tipo de artefato só pode ser entendido por meio de grandes tipologias, na medida em que são encontrados fora de contexto em vários sítios da cidade antiga. Referência: PETRIE, 1894: pl. XVII.

Conclusão

Em linhas gerais, há compatibilidade entre a cultura material escavada em Amarna e em Deir el-Medina, o que mostra, a meu ver, a continuidade das formas de religiosidade no Reino Novo, mesmo durante o período de Amarna. À luz desses achados, percebe-se que a presença de deuses protetores do cotidiano fora elemento importante na vida social dos egípcios do período do Reino Novo; a piedade pessoal, então, mesmo durante o período de Amarna, já fora elemento importante na vida cotidiana.

Em Amarna, a paisagem da religiosidade é, no entanto, mais complicada do que pensar, simplesmente, aceitação ou não às novas ideias do faraó. Em contextos populares, encontrou-se elementos típicos da religiosidade tradicional, tal como a comparação entre

os sítios de Deir el-Medina e da Vila dos Trabalhadores mostrou. Mas também, partindo-se da hipótese de que o pensamento egípcio possuía um caráter altamente integracionista no relativo à religiosidade, em Amarna, misturavam-se a esses elementos tradicionais, outros, da nova religião de Akhenaton. Assim, por exemplo, mesmo que o Grande Hino ao Aton afirme ser o faraó o único que conhece e tem acesso ao Aton, este deus parece ter sido foco de culto direto por parte das pessoas comuns em Amarna (BICKEL, 2003), assim como os deuses tradicionais, excluídos da nova religião de Akhenaton, principalmente aqueles associados à proteção e superação de situações problemáticas do cotidiano. Fizeram parte paisagem religiosa de Amarna, assim, tanto elementos da religião estatal de ênfase no Aton e na família real enquanto divindades, quanto os deuses excluídos desta religião, o que revela o caráter altamente inclusivo do pensamento (religioso) egípcio.

Referências Bibliográficas

Abreviações: *CoA I - The City of Akhenaten I: excavations of 1921 and 1922 at el-'Amarneh. AR - Amarna Reports.*

a. Fontes primárias

PEET, T. E. and WOOLLEY, C. L. *The city of Akhenaten I: excavations of 1921 and 1922 at el-'Amarneh.* London: Egypt Exploration Society, 1923.

LICHTEIM, M. (transl.). *Ancient Egyptian literature.* Vol. 2: The New Kingdom. Berkeley: University of California Press, 1976.

WENTE, E. F. (transl.). *Letters from ancient Egypt.* Atlanta: Scholars Press, 1990.

KEMP, B. J. (ed.). *Amarna Reports I-VI.* London: Egypt Exploration Society, 1984-1995.

PETRIE, W. M. F. *Tell el-Amarna.* London: Methuen, 1894.

b. Bibliografia

ASSMANN, J. *The search for god in ancient Egypt.* Ithaca: Cornell University Press, 2001.

BAINES, J. Interpretations of religion: logic, discourse, rationality. *Göttinger Miszellen*, 76, 1984, p. 25-54.

- BAINES, J. Practical religion and piety. *Journal of Egyptian Archaeology*, 73, 1987, p. 79-98.
- BAINES, J. Egyptian letters of the New Kingdom as evidence for religious practice. *Journal of Ancient Near Eastern Religions*, 1, 1, 2001, p. 1-31.
- BAKOS, M. M. *Fatos e mitos do Egito antigo*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009.
- BAKOS, M. M. Cartas veladas pelas areias. In: BAKOS, M. M., MATOS, J. S. e BALTHAZAR, G. S. (eds.). *Diálogos com o mundo faraônico*. Rio Grande: FURG, 2010, p. 113-129.
- BAKOS, M. M. *Deuses que protegem a vida íntima no cotidiano egípcio*. Comunicação oral na XVII Jornada de Estudos do Oriente Antigo, 2011.
- BICKEL, S. "Ich spreche ständig zu Aton...": zur menschgott-beziehung in der Amarna religion. *Journal of Ancient Near Eastern Religions*, 3, 2003, pp. 23-45.
- BOMANN, A. Chapel 561/450 (The "Main Chapel"). In: KEMP, B. J. (ed.) *Amarna Reports I*. London: Egypt Exploration Society, 1984, p. 14-33.
- BOYCE, A. Notes on the manufacture and use of faience rings at Amarna. In: KEMP, B. J. (ed.). *Amarna Reports V*. London: Egypt Exploration Society, 1989, p. 160-168.
- BOYCE, A. Collar and necklace designs at Amarna: a preliminary study of faience pendants. In: KEMP, B. J. (ed.). *Amarna Reports VI*. London: Egypt Exploration Society, 1995, p. 336-371.
- CARDOSO, C. F. *A unidade básica das representações sociais relativas ao culto divino e ao culto funerário no antigo Egito*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.
- CARDOSO, C. F. Uma reflexão sobre a importância da transcendência e dos mitos para as religiões a partir do episódio da reforma de Amarna, no antigo Egito. *Plura - Revista de Estudos de Religião*, 2, 1, 2011, p. 3-24.
- FRIEDMAN, F. Aspects of domestic life and religion. In: LESKO, L. (ed.). *Pharaoh's workers: the villagers of Deir el-Medina*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 95-117.
- KEMP, B. J. Wall paintings from the Workmen's Village at Amarna. *Journal of Egyptian Archaeology*, 65, 1979, p. 47-53.

- KEMP, B. J. The Amarna Workmen's Village in retrospect. *Journal of Egyptian Archaeology*, 73, 1987, p. 21-50.
- LEMOS, R. S. Archaeology, ritual religion and ancient Egypt: some discussions on the Amarna Period. *Hathor - Studies of Egyptology*, 1, 2012, p. 85-113.
- LESKO, L. Literature, literacy, and literati. In: LESKO, L. (ed.). *Pharaoh's workers: the villagers of Deir el-Medina*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 131-144.
- MESKELL, L. *Private life in New Kingdom Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- MOTA, S. I. S. The household religion in ancient Egypt: what do the archaeological evidences tell us? *Hathor - Studies of Egyptology*, 1, 2012, p. 31-61.
- SANTOS, M. E. Jornada para a eternidade: as concepções de vida post-mortem real e privada nas tumbas tebanas do Reino Novo - 1550-1070 a.C. Tese de Doutorado. Niterói: Programa de Pós-graduação em História, 2012.
- SHANNON, E. Bezels with royal names from the Workmen's Village 1979-1986. In: KEMP, B. J. (ed.) *Amarna Reports IV*. London: Egypt Exploration Society, 1987, p. 154-159.
- SHAW, I. Ring bezels at el-Amarna. In: KEMP, B. J. (ed.). *Amarna reports I*. London: Egypt Exploration Society, 1984, p. 124-132.
- STEVENS, A. The material evidence for domestic religion at Amarna and preliminary remarks on its interpretation. *Journal of Egyptian Archaeology*, 89, 2003, p. 143-168.
- STEVENS, A. *Private religion at Amarna: the material evidence*. Oxford: Archaeopress, 2006.
- STEVENS, A. The Amarna Stone Village Survey and life on the urban periphery in New Kingdom Egypt. *Journal of Field Archaeology*, 36, 2, 2011, p. 100-118.
- SZPAKOWSKA, K. Playing with fire: initial observations on the religious uses of clay cobras from Amarna. *Journal of the American Research Center in Egypt*, 40, 2003, p. 113-122.
- WEATHERHEAD, F. and KEMP, B.J. *The Main Chapel at the Amarna Workmen's Village and its wall paintings*. London: Egypt Exploration Society, 2006.